



ÁREA TEMÁTICA: Estado, Segurança e Defesa

Repensando o Exterminismo

MÜLLER, Ricardo

Doutor (pós-doutor); teoria política contemporânea; política e cultura e história das ideias

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil

rgmuller@superig.com.br,

Resumo

Percebendo a existência de “uma dinâmica interna e de uma lógica recíproca que requerem uma nova categoria de análise”, E. P. Thompson sustenta ser necessária uma categoria nova para definir esse momento de confronto nuclear e elabora o conceito de *exterminismo*, para examinar a lógica e a dinâmica dessa nova realidade. Em termos teóricos, os aspectos mais instigantes da interpretação de Thompson sobre o sistema da guerra fria, e em relação a essa proposta, são sua proposta da política como teatro (as relações de poder, as contradições entre guerra e paz, e seu teatro), a abordagem do conceito de luta de classe, e sua rejeição às noções de imperialismo e militarismo, insuficientes para a análise da guerra fria. Buscamos discutir a importância das ideias de Thompson, relacionar teoricamente as categorias e localizar sua atualidade e relevância política.

Palavras-chave: Exterminismo; razão; guerra fria; poder; teatro.





Introdução

E. P. Thompson formulou suas idéias sobre a política como teatro, como representação do poder, e sobre o contrateatro no protesto dos movimentos populares, especialmente em seus trabalhos dedicados às formas de rebelião nas sociedades pré-industriais e nos primeiros momentos do movimento operário. A esfera teatral do exercício do poder político busca conformar os governados, manter seu consentimento, ativo ou passivo; perpetuar o respeito às normas, valores e símbolos; fixar os limites do politicamente possível e tolerável. Constitui parte fundamental da hegemonia, domínio não baseado diretamente na coerção material. Mas, a meu ver, tem sido pouco discutida sua abordagem sobre as relações entre teatro, política e poder em seus ensaios sobre a questão do exterminismo e os mecanismos de luta entre as condições da guerra fria e a formação dos movimentos pacifistas.¹ Nesse texto apresentamos nossas primeiras notas de estudo sobre o tema.

Após os “eventos de 1956”, E. P. Thompson rompe com o Partido Comunista Britânico e torna-se porta-voz e defensor de uma concepção humanista de socialismo e figura chave na Campanha (pelo) Desarmamento Nuclear Europeu (END), fundada em abril de 1980.

A partir desse ano, interrompe sua pesquisa histórica básica e, ao lado de antigos companheiros, partilha a liderança de um movimento político internacional de caráter pacifista. Seu objetivo na Campanha (END) era reverter as bases e decisões da Conferência de Yalta, afastar e reduzir a influência de ambas as superpotências sobre o continente europeu e romper o ciclo de militarização, a seu ver, duramente imposto sobre a população.

Sem habilidade anterior, Thompson tornou-se um *expert* em assuntos militares, recorrendo às ferramentas conceituais da história social para estudar um novo conjunto de conceitos nos campos da tecnologia militar e de temas estratégicos. Nesse movimento, em 1982, Thompson propõe a categoria *exterminismo*. Para ele, tornava-se necessária uma nova atitude teórica e política para apreender as violentas transformações do processo histórico, acompanhadas pela formação de um novo *objeto*, com características irracionais, que poderia *exterminar* toda a população mundial.

Thompson acreditava que a Europa, nos anos de 1980, atravessava um período difícil e contraditório. Ao mesmo tempo ameaçados pela perspectiva do exterminismo, colocava-se a oportunidade de os europeus redefinirem seu sentido de identidade coletiva sua própria percepção e a de seu futuro ao longo do processo. Em outubro de 1983, Thompson realizou um comício para um público de 250.000 pacifistas no Hyde Park, em Londres, e lembrou-os das tradições que personificavam: “Em algum momento, as antigas estruturas do militarismo têm de romper em consequência de uma pressão pacífica, não-violenta, como as grades do Hyde Park uma vez cederam devido à pressão de manifestações pacíficas pelo voto” (Thompson, 1983).

O que custaria para reunificar a Europa? Que modelos de sistemas sociais escolheriam os europeus se diminuísse ou acabasse a influência de ambas as superpotências sobre a Europa? Ao lado de seus companheiros na END britânica e europeia, Thompson sensibilizou a opinião pública para além das preocupações usuais sobre mísseis e foguetes, na direção de um debate mais amplo envolvendo questões políticas básicas relativas ao período pós-guerra.

Thompson buscava formas de organização e estratégias de resistência às correntes políticas dominantes da era da Guerra Fria. Em suas propostas rejeitava o jogo maniqueísta “ou-ou” alimentado pela rivalidade Leste-Oeste e que, nesse contexto, obrigava a maioria dos Estados a assumir posições: “A Guerra Fria submeteu os povos em rebanhos pró-Atlântico ou pró-soviéticos e bloqueou qualquer ‘terceira via’ (...)” (Thompson, 1985: 245).



De fato, o fim da Guerra Fria alterou dramaticamente o cenário e as perspectivas históricas. No entanto, poderíamos afirmar que, na atual conjuntura, houve uma efetiva superação da rivalidade bipolar, e/ou de suas premissas, e de uma “paz” militarizada que caracterizou o período definido como de Guerra Fria? Que novas condições se põem nas relações internacionais, na política mundial? Como explicar a transformação desse processo e a natureza da violência social contemporânea? Como, nessa perspectiva, a reavaliação da categoria *exterminismo*, e de seus fundamentos, contribui para novas questões e pesquisas? Sem dúvida vivemos um momento adequado para rever e repensar as idéias de Thompson e as plataformas dos movimentos pacifistas que ajudou a organizar e de que participou. Suas perguntas e propostas adquirem agora um renovado sentido e maior relevância, na medida em que Thompson procurou, justamente, pensar um novo mundo *além* e *depois* da Guerra Fria, e mostrar como uma “nova ordem mundial” poderia existir e funcionar, em função dos esforços *conjuntos* de cidadãos e estadistas. Afinal, à medida que essa arena global se abre a novos alinhamentos e conflitos, antes inexistentes devido à dissuasão, ou ao “equilíbrio do terror” bipolar, formam-se, ao mesmo tempo, espaços para uma nova sensibilidade política, mas também para novas tensões e ameaças.

Naquele contexto, Thompson (1982a) denuncia o caráter irracional do objeto e faz um apelo à razão, coerente com suas convicções teóricas. Como se antevisse as tendências e polêmicas contemporâneas: por um lado, entre os céticos que argumentam que qualquer forma de saber é inteiramente relativa a uma estrutura teórica ou a um sistema de crenças socialmente justificado, em função de que o conhecimento equivaleria a uma mera construção da realidade, perdendo-se de vista a apreensão das relações funcionais dos fenômenos empíricos; por outro, na linha thompsoniana, os que afirmam a regência do real nos processos cognitivos. Em suma, ele teria prenunciado o profundo ceticismo epistemológico e ontológico nos dias de hoje, sua expressão em tendências irracionistas e seus reflexos na prática política.

Muitos militantes de esquerda na Inglaterra, ativos na campanha pelo desarmamento unilateral, chegaram à conclusão, nos anos de 1980, que havia um problema central na balança de poder criada pela guerra fria. Entre outros aspectos, a evidência demonstrava que nenhum dos blocos em antagonismo poderia “ganhar uma guerra”. A luta definia-se em outro patamar, concentrando-se no questionamento e no enfraquecimento do processo e de suas premissas ideológicas. Para Thompson (1982: 25), a Europa era o ponto de tensão do sistema da guerra fria.

O programa do END na década de oitenta combinou um novo radicalismo popular capaz de enfrentar as motivações da guerra fria e seu *status quo*. Seu projeto era o de avaliar e estabelecer a autonomia da Europa e garantir as condições de sua manutenção. Naquele momento, o movimento considerava o cenário do “teatro” europeu como um todo, ocupando uma posição única, pois oferecia pontos de acesso para o desenvolvimento de um processo de deslegitimação da guerra fria a partir da própria arena de embate entre União Soviética e Estados Unidos.

O objetivo dos grupos, como a Carta 77 (Charter 77) ou a CND, era o de convencer os governos europeus a romper com a força de dominação – e o enfrentamento – dos dois blocos.ⁱⁱ Com esse objetivo, apresentavam um cenário com apenas duas alternativas: a vitória da luta contra esse *status quo* ou a certeza da destruição mútua – afinal, em caso de embate efetivo, o “teatro” europeu provavelmente seria também *locus* dos ataques. Nesse contexto, propunham um eventual diálogo entre as partes, que organizasse uma posição unificada para subsumir os antagonismos em diretrizes para a paz. Essa resposta, aparentemente simples, ao absurdo da guerra fria dependia de uma crença: a de que a humanidade teria mais a oferecer do que o consumo desenfreado dos recursos mundiais até sua exaustão e total destruição. Para Thompson (1982: 35) essa injunção tornou-se vital.

A contribuição mais significativa de Thompson nos debates sobre a guerra fria – mas sobretudo contra a “corrida armamentista”, a “ameaça nuclear” e em nome da organização de grupos e movimentos pacifistas



–, nessa época, talvez seja o ensaio *Protest and Survive*, de 1980, em resposta ao documento do governo conservador inglês, *Protect and Survive*, sobre como se proteger no caso de um ataque nuclear.ⁱⁱⁱ

No ensaio *Protest and Survive*, Thompson antevê a Europa não como um “teatro de guerra”, mas como o “teatro da paz”, resultante de pressão popular democrática. Mas para esse cenário acontecer, seria necessária uma *détente* internacional que assegurasse um futuro independente do sistema de guerra. Ou seja, uma vez definida uma estratégia, as contradições do papel da Europa na guerra fria poderiam ser usadas contra os “guerreiros” em Washington e Moscou.

A construção dessa estratégia demandou tempo e dedicação de Thompson ao longo dos anos de 1980, e incentivou várias formas de resistência popular. Uma resistência necessária porque, afirmava ele, a política da guerra fria se estruturava de tal maneira que a idéia de *exterminio* da sociedade era perfeitamente coerente com a lógica do processo.

Nesse contexto, Thompson (1982a: 4-5), percebendo a existência de “uma dinâmica interna e de uma lógica recíproca que requerem uma nova categoria de análise”, elabora o conceito de *exterminismo*, inspirado em Marx e, a seu ver, adequado para examinar a lógica e a dinâmica dessa nova realidade.

Em termos teóricos, o aspecto mais controverso da interpretação de Thompson sobre o sistema da guerra fria é sua rejeição das noções de imperialismo e militarismo, associadas, segundo ele, a circunstâncias convencionais ou específicas, cada uma expressando diferentes níveis ou aspectos de uma crítica ao capitalismo: conceitos inadequados, portanto, para a análise da guerra fria. Segundo Thompson (1982a: 1-2), ambos traduzem um forte conteúdo ideológico e, em sua formulação, expressam a idéia de um “sistema”, racional de início, mas que eventualmente pode provocar sua própria implosão irracional.^{iv}

Thompson (1982a: 332-338) sustenta que:

Necessitamos uma categoria nova [exterminismo] para definir esta época clara de história de confronto nuclear – e nunca é pouco dizer que isto não significa, mediante um gesto de varinha mágica, que seja necessário renunciar a todas as categorias anteriores ou que não funcionem mais todas as forças históricas anteriores. (...) Não se trata simplesmente de uma questão de força: é uma questão de legitimidade. Ali onde nenhuma forma de poder está legitimada pela responsabilidade civil e por um processo aberto como é devido, pode ocorrer que uma forma de poder dê lugar a outra. Cada uma destas formas de poder é tão legítima ou ilegítima quanto a outra.

O “exterminismo” da guerra fria se baseia na dinâmica do sistema de armamentos. Embora pareça um movimento racional, no qual os agentes participantes tomam decisões aparentemente racionais, como assinalamos, no âmago do processo desenvolve-se uma lógica perversa, um sistema de autogeração e um estado generalizado de inércia na direção da destruição total.

Para além do imperialismo e do militarismo, os sistemas correspondentes a esses blocos são complexos militares e industriais que a população civil é induzida a sustentar (por meio de investimentos, impostos, quotas de trabalho, etc.). Em sua lógica perversa, o processo político serve tão-somente para legitimar e justificar sua própria reprodução. Para reproduzir o sistema, as elites governantes, segundo Thompson (1982a: 22),

passaram a precisar de uma situação permanente de guerra, de modo a legitimar sua dominação, seus privilégios e prioridades; para silenciar o dissenso; para exercer a disciplina social e desviar a atenção da evidente irracionalidade da operação. Eles se habituaram tanto a esse modo, que não conhecem outro modo de governar.



Thompson e seus companheiros da END, notadamente Mary Kaldor e Dan Smith, acreditavam que os blocos de poder em conflito temiam a possibilidade de que posições não-alinhadas ganhassem credibilidade popular. Ele recorre aos exemplos de Dubcek e Allende, indicando que não continuaram vivos porque desafiaram “as verdadeiras premissas do duplo campo de força ideológico”, e as alternativas que representavam, enfraqueciam a balança de poder. Esse campo de forças mostra também a extensão do aumento do controle do Estado por meio do pretexto dos “interesses nacionais”. Dubcek e Allende demonstraram, também, que as pressões da guerra fria reverberavam inclusive em Estados considerados “secundários”, onde, entretanto, as contradições centrais do sistema mais se manifestavam. O principal desafio para esses países era o de organizar formas de resistência popular, um fator que poderia minar a base de poder sobre a qual o exterminismo fora construído.^v

A “tecnologia do apocalipse” oferece sua própria previsibilidade: o extermínio da civilização no hemisfério norte. À sombra dessas colocações, e em posição muito semelhante à de Rudolf Bahro, Thompson insiste na formação de uma nova consciência.^{vi} A questão da luta de classe mantém-se relevante, mas o imperativo agora é o da salvação da própria *humanidade*, ou seja, com o exterminismo a causa se redefine.

A luta contra o sistema da guerra fria havia consolidado uma base com a campanha da END. Porém, essa estratégia pan-européia requeria, ainda, uma ampla ação popular e a manutenção de suas atividades, pelo menos, até que se formasse um novo discurso político entre os dois blocos antagônicos. Nesse contexto, o neutralismo e o não-alinhamento poderiam constituir táticas adequadas para os socialistas, juntando-se a outros movimentos de liberação e de luta antiimperialista onde fosse possível. Essa posição também reafirmava a necessidade de um internacionalismo antiexterminista mais abrangente, de modo a reforçar uma estratégia que viabilizasse as frentes populares em todo o mundo. A nova agenda internacionalista supunha uma recusa inequívoca da ideologia dos dois blocos, negando qualquer compromisso com os ideólogos do exterminismo, e a estratégia deveria ser orientada em ambos os lados da “cortina de ferro”. A proposta objetiva de Thompson de uma luta-no-contexto agora representa um “imperativo humano e ecológico”.^{vii} Ele (1982a: 29) comenta a esse respeito:

Esse internacionalismo deve ser conscientemente antiexterminista: deve se opor aos ditames ideológicos de ambos os blocos; deve incorporar em seu pensamento, em suas trocas, em suas atitudes e em suas expressões simbólicas os princípios da sobrevivência humana e ecológica.

Esses são, de modo geral, os principais contornos da proposta antiexterminista de Thompson.

O ensaio “Notes on Exterminism” foi alvo de muitas críticas. Além das advindas das posições mais conservadoras, muitos marxistas consideraram problemática a intervenção de Thompson nessa luta. O livro *Exterminism and Cold War* (1982a) publicou, além do referido ensaio, colaborações a respeito do tema de pensadores como Raymond Williams, Rudolf Bahro, Mike Davis, Noam Chomsky, entre outros e, a convite da editora, “New Left Books”, Thompson também escreveu um artigo com a síntese das colaborações e uma resposta às críticas específicas aos pontos mais controversos de suas propostas.

Nessa parte resgatamos a tendência geral dos comentários, basicamente as tensões teóricas e estratégicas no interior da própria noção de exterminismo e privilegiamos as que nos parecem mais significativas nesse contexto: as de Raymond Williams e Mike Davis.

Raymond Williams (1982a: 65-85), em “The Politics of Nuclear Disarmament”, por exemplo, questionou a noção de “exterminismo” por considerar que ela confundia a análise socialista e, portanto, dificultava a organização de uma estratégia socialista coletiva. Considerava, ainda, que o “exterminismo” supõe um determinismo tecnológico e prejudica um exame aberto das relações sociais e econômicas implícitas na corrida armamentista.^{viii}



Em suas análises, Williams (1982a: 65-85) reprova as teses de Thompson, a seu ver, um desvio dos postulados do humanismo socialista, um viés que atribuía ao conhecimento adquirido por Thompson sobre as características tecnológicas da corrida armamentista. Para Williams (1982a: 85), Thompson teria abandonado os critérios socialistas em uma tentativa desesperada para combater a possibilidade exterminista da guerra fria. O argumento de Thompson coloca “a Bomba” no centro do processo histórico e, dessa forma, tende a desqualificar o papel da luta de classes na dinâmica da história. Além disso, o fato de isolar a Europa como centro catalisador do “teatro de guerra” (embora verdadeiro até certo ponto), acabava por ignorar, ou reduzir, a escala global da luta de classe. Williams (1982a: 80) compreendia que uma “contribuição socialista específica” que demonstrasse que as relações de classe e os modos de produção configuram o elo entre o tear manual e o míssil industrial era prioritária e necessária para complementar o conceito de Thompson.^{ix} De seu ponto de vista, seriam três as premissas que inseririam a política do desarmamento nuclear em uma luta concreta, não apenas contra as desumanas estruturas econômicas, sociais e militares próprias ao modo de produção, mas na busca de uma alternativa socialista e do fortalecimento de uma política baseada na luta de classe:^x

1. relações entre os conceitos de “classe dominante” e “complexo militar-industrial”, com evidentes efeitos sobre a questão de substituir a noção de “exterminismo” por categorias de análise socialista já existentes ou possíveis; 2. a difícil questão do que é chamado, em alguns círculos, de “bomba socialista” ou “os mísseis da classe trabalhadora internacional”; 3. os problemas dos vínculos entre crise econômica e militar.

Williams (1982a, p. 80) concorda que a indústria bélica, a pesquisa militar e a segurança de Estado situam-se e devem ser compreendidas no contexto das sociedades capitalistas contemporâneas. Tal complexo, continua, existe de modo análogo – mas de forma alguma idêntico – em países como a União Soviética e a China. Nesse ponto situa-se uma de suas mais importantes críticas a Thompson: a de embaralhar essas diferentes formações em uma entidade única e, principalmente, não considerar conceitos e características mais gerais da classe dominante – por exemplo, o fato de que ela possui o monopólio ou o predomínio na ameaça e efetivação da violência – que não são uma consequência do sistema de armas nucleares. Lembra – o que Thompson parece não fazer – que tem sido fundamentalmente em sociedades não nucleares que Estados militarizados e de alta segurança têm se formado e assumido poder absoluto e determinante.

Mike Davis (1982a: 35-64) também localiza um certo determinismo na noção de exterminismo e observa que o papel dos indivíduos, o próprio “agir humano”, estaria sendo negado por Thompson. Segundo Davis (1982a: 43), aceitando-se como irracional a ameaça da corrida armamentista, bem como a premissa do exterminismo, o “agir humano” estaria sendo negado e a causalidade mecânica reingressaria na história. Thompson, significativamente, não teria considerado a ameaça do uso da bomba no jogo de poder e a dissuasão como ideologia (desenvolvida pelas classes dominantes) ou, mais especificamente, não teria distinguido “conjuntura e crise, (...), classes e modo de produção”.^{xi} Com efeito, tal como Williams, Davis sublinha que o exterminismo não é uma noção a que essas importantes categorias pudessem ser relacionadas. Ao fim e ao cabo, o próprio método dialético de Thompson poderia ser empregado contra suas idéias.

A resposta de Thompson (1982a: 329), “Europe, the Weak Link in the Cold War”, aceita muitas das críticas a seu conceito de exterminismo.^{xii} Em maio de 1980, ele relata, um pessimismo político havia sucedido aos então recentes eventos mundiais, como a crise do petróleo, as guerras no Oriente Médio e em países em desenvolvimento, a invasão soviética do Afeganistão e o programa de “modernização” da OTAN, e que essa situação teria influenciado seu próprio “pessimismo intelectual”, refletindo-se em suas análises e nas perspectivas apresentadas. Como Raymond Williams e outros haviam observado, Thompson (1982a: 330) admite que alguns aspectos de seu texto apontam para um certo grau de determinismo, em especial em relação à idéia de que “os sistemas de armamentos rivais, por si mesmos e por sua lógica recíproca, devem levar-nos ao extermínio”. Reconhece seus erros (como o de haver estabelecido relação entre o processo de



industrialização e a indústria militar e o armamentismo). Entretanto, se a maneira pela qual a análise foi exposta pode ter sido equivocada, Thompson (1982a: 330) manteve o núcleo de seu argumento:

As *Notas* não se limitavam a sugerir [esses pontos]: já havia, no apelo inicial da END, a linha geral de uma estratégia de resistência e meu ensaio concluía com um resumo dessas alternativas (...). Não quero abandonar a categoria de “exterminismo” sem deixar de tentar um mínimo de defesa. O termo em si mesmo não importa; é feio e excessivamente retórico. O que importa é o problema para o qual aponta. Segue havendo alguma coisa, no movimento de inércia e na lógica recíproca dos sistemas de armamentos rivais – e na configuração de interesses materiais, políticos, ideológicos e de segurança que os acompanha –, que não se pode explicar atendo-se às categorias de “imperialismo” ou de “luta de classes internacional”.

Se as premissas do exterminismo eram problemáticas, as questões propostas continuavam relevantes. Por exemplo, dada a eficiência da tecnologia nuclear, os minutos restantes na iminência de uma crise em que se faria uso dos sistemas especiais de “lançamento imediato diante do sinal de alerta” (*Launch-On-Warning/LOW*) não permitiria tempo para negociações políticas ou outras iniciativas.^{xiii} A irracionalidade do processo era e permanecia o problema central. Se os processos internos em cada bloco operavam de modo distinto, a tendência continuava a mesma, a de uma dinâmica de guerra que se auto-reproduzia indefinidamente. Para Thompson (1982a: 332-333), as noções convencionais de luta de classe não respondiam à urgência da situação, que exigia novas definições. O exterminismo era uma delas. A seu ver, as interpretações tradicionais sobre o imperialismo e a luta de classe se não deveriam – ou poderiam ser negadas – pareciam insuficientes para pensar o novo contexto ou, pelo menos, suas tendências e dinâmica. Em suas palavras:

Se necessitamos de uma categoria nova para definir essa época específica de história (de conflito e de confrontação nuclear) (...), isso não significa que se prescindia de todas as categorias anteriores ou que deixem de funcionar todas as forças históricas anteriores. (...) Imperialismos e lutas de classe, nacionalismos e conflitos entre públicos e burocracias, todos continuarão a funcionar com seu vigor de costume; pode ser que continuem a dominar esse ou aquele episódio histórico. Significará, antes de tudo, que uma figura nova, uma figura sem fisionomia e ameaçadora, tenha se unido às *dramatis personae* da história; uma figura que projeta uma sombra mais brusca e escura que qualquer outra. E (...) já estamos no interior dessa sombra de extremo perigo. Porque à medida que a sombra cai sobre nós, vemo-nos impelidos a assumir o papel desse personagem. (Grifo no original)

Em seu artigo de 1991, “Ends and Histories”, Thompson realiza uma revisão da categoria exterminismo (suas determinações e conseqüências) e de seu envolvimento na constituição de uma “Terceira Via” política, a organização dos principais movimentos pacifistas britânicos (CND, END) e de sua reunião e articulação a outros movimentos pacifistas internacionais, de modo a não só evitar um eventual confronto nuclear, mas, sobretudo, acabar progressivamente com a existência dos grandes blocos político-militares e a condição de alinhamento engendrada.^{xiv} As propostas dessa Terceira Via defendiam o internacionalismo – hegemonicamente de caráter socialista – e a solidariedade subjacente a esses movimentos.

Em seu resgate, Thompson (1991: 12) toma como referência uma passagem de seu artigo “Exterminism: the Last Stage in Civilization”: “Era uma contradição não-dialética, um estado de antagonismo absoluto, em que ambos os poderes cresciam por confrontação, e que só poderia ser resolvido pelo extermínio mútuo”. E ele mesmo contesta a amplitude da conclusão: a idéia de exterminismo pertence ao início de 1980, antes de os movimentos pacifistas começarem a atuar. Thompson lembra que concordou com a crítica de Raymond Williams (de que usou uma metáfora determinista para descrever o conceito de exterminismo), bem como as observações de que “o exterminismo havia sido superestimado e negado pelos eventos”.^{xv}



Thompson (1991: 12) admite que essa premissa seja em parte verdadeira, embora permaneçam válidos muitos de seus argumentos. A seu ver, “as economias e ideologias de ambos os lados poderiam entrar em colapso sob a pressão de uma eventual segunda guerra fria”. Por outro lado, ele também imaginou a organização de movimentos de resistência em contraposição à lógica exterminista. Nesse sentido, Thompson (1991: 12) ainda hesita em abandonar por completo o assustador conceito: as bases materiais para o exterminismo foram pouco reduzidas, mesmo as estruturas ideológicas da guerra fria estão instáveis. Observa também que, como indicava em sua definição de 1980, sempre devem ser analisadas as bases institucionais do exterminismo: o sistema de armamentos, o conjunto do sistema econômico, científico, político e ideológico de sustentação (...) o sistema social que pesquisa e produz (essas condições) e polícia, justifica e mantém o sistema funcionando. Entretanto, para Thompson (1991: 12), essas condições permanecem; descansam em compartimentos centrais de ambas as economias, esperando uma oportunidade para reativar sua lógica – como a constante modernização dos armamentos.

Bibliografia:

- BAHRO, R. (1982a), “A New Approach for the Peace in Germany”, in Thompson, E. P. (1982a), p. 87-116.
- BROMLEY, Simon e ROSENBERG, Justin (1988), “After Exterminism”, in *New Left Review*, n. 168, March-April.
- DAVIS, Mike (1982a), in *Exterminism and Cold War*. London: Verso/New Left Books, p. 35-64.
- KAYE, Harvey J. e McCLELLAND, Keith (ed) (1990). *E. P. Thompson: Critical Perspectives*. Cambridge: Polity Press & Oxford: Blackwell.
- KALDOR, Mary (ed.) (1991). *Europe From Below*. London: Verso.
- SHAW, Martin (1990) “From Total War to Democratic Peace: Exterminism and Historical Pacifism”, in Kaye, H. e McClelland, K. (1990), p. 233-251.
- THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed) (1980a). *Protest and Survive*. Nottingham: CND.
- THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed) (1980b). *Protest and Survive*. Harmondsworth: Penguin.
- THOMPSON, E. P. (1982). *Beyond the Cold War*. Pamphlet. London: Merlin & END.
- THOMPSON, E. P. (ed) (1982a). *Exterminism and Cold War*. London: Verso/New Left Books.
- THOMPSON, E. P. (1983). “Will 1983 end in darkness in Europe”, *Sanity*, (December)).
- THOMPSON, E. P. (1985). *The Heavy Dancers*. London: Merlin.
- THOMPSON, E. P. (1991). “Ends and Histories”, in KALDOR, Mary (ed.) (1991). *Europe From Below*. London: Verso, p. 7-25.
- WILLIAMS, Raymond (1982a). “The Politics of Nuclear Disarmament”, in THOMPSON, E. P. (ed) (1982a), p. 65-85.

- ⁱ Cf., em particular, Thompson, E. P. (1982a: 8-11) a seção “O ‘Teatro do Apocalipse’”, de seu ensaio “Notas sobre o Exterminismo”, para se avaliar a relação entre a idéia de teatro e a lógica da estrutura da guerra fria.
- ⁱⁱ Cf. Thompson, E. P. (1982: 28). Thompson lembra que em 16 de novembro de 1981 foi lançado em Praga um manifesto da “Carta 77” (*Charter 77*) “defendendo os direitos humanos da (então) Tchecoslováquia e enfatizando a mútua interdependência entre as causas da paz e da liberdade”.
- ⁱⁱⁱ Cf. Thompson, E. P. (1980a: 33). Convém observar que a publicação do *Manifesto* foi patrocinada pela Bertrand Russell Peace Foundation e pela CND.
- ^{iv} Cf. Thompson, E. P. (1982a: 1-2). Ele comenta, mas sem maiores detalhes, que “a Primeira Guerra Mundial e o colapso do nazismo seriam exemplos de militarismo e imperialismo caminhando na direção de seus próprios fins”.
- ^v A categoria de exterminismo também se orientava pela crítica ao princípio de estratégia militar conhecido como MAD (*Mutual Assured Destruction*), “Destruição Mútua Assegurada”. Ironia ou não, em inglês *mad* admite vários significados no campo da “loucura” e da “raiva”.
- ^{vi} Cf. Bahro, R. (1982a), “A New Approach for the Peace in Germany”, in Thompson, E. P. (1982a), p. 87-116.
- ^{vii} Cf. também Sukhov, M. J. (1989), “E. P. Thompson and the Practice of Theory: Sovereignty, Democracy and Internationalism”, *Socialism and Democracy*, Autumn-Winter, p. 105-140 e especialmente p. 122-127, sobre o internacionalismo de Thompson.
- ^{viii} Cf. Shaw, M. (1990) “From Total War to Democratic Peace: Exterminism and Historical Pacifism”, in Kaye, H. e McClelland, K. (1990: 233-251); cf. também Simon Bromley et al. (1988), “After Exterminism”, *New Left Review*, n. 168, March-April 1988.
- ^{ix} Cf. Thompson, E. P. (1982a) para outros ensaios que também discutiram o seu artigo (“Notes on Exterminism, the Last Stage of Civilization”), como os de Roy e Zhores Medvedev, Rudolf Bahro, Fred Halliday, Mary Kaldor, Noam Chomsky, Etienne Balibar.
- ^x Cf. Mandel, E. (1977: 284-293), “Peaceful Coexistence and World Revolution”, in Blackburn, R. (ed.) *Revolution and Class Struggle*, London: Fontana.
- ^{xi} Cf. Davis, M. (1982a, p. 63-64), que chama a atenção para onde e como, naquele momento, acontece um “verdadeiro exterminismo” (“actually existing exterminism”), decorrente da miséria, da fome e da violência social nos países do Terceiro Mundo, como também das ditaduras e guerras em muitos desses países.
- ^{xii} Cf. também Thompson, E. P. (1985: 135-152), onde o artigo aparece sob o título de “Exterminism Reviewed”.
- ^{xiii} Esse comentário foi em resposta ao artigo de Roy e Zhores Medvedev, “The USSR and the Arms Race”, in Thompson, E. P. (1982a: 153-174).
- ^{xiv} Cf. Thompson (1991, p. 7-25), in Kaldor, Mary (org) (1991). Seu ponto de partida é uma crítica à idéia de “fim da história”, como a de Fukuyama, mas defendida por outros autores em seus diferentes matizes, como Allan Bloom. Observe-se que a proposta de uma “Terceira Via” é anterior e oposta aos projetos de Giddens.
- ^{xv} No caso, os eventos da 2ª. metade da década de 1980, em especial o Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty, ou INF Treaty (United States-Union of Soviet Socialist Republics [11 de dezembro de 1987]). Cf. Simon Bromley et al., “After Exterminism”, in *New Left Review*, n.168.